

# Violência doméstica: um mal sem fronteiras! (1)

EVELINA MUCHANGA

**CHAMA-SE Teresa Tsambe. Ela tem 39 anos. Há duas semanas buscou ajuda num dos Centros de Atendimento Integrado a vítimas de violência na província de Inhambane. O seu rosto estava desfigurado e os cabelos arrancados.**



Este é um dos centros de atendimento integrado onde as vítimas de violência buscam ajuda em Inhambane

**E**ra manhã quando esta mulher, mãe de cinco filhos, se fez àquele local, acompanhada pelos seus pais, que, cansados de vê-la a ser vítima recorrente de quase

todo o tipo de agressão protagonizada pelo marido, decidiram ajudá-la a denunciar o infractor.

"Suportei várias humilhações, mas desta vez foi pior. O meu marido juntou-se à amante

para me baterem, enquanto me insultavam", lamentou Teresa, mostrando as marcas deixadas no seu rosto.

Episódios de violência, sobretudo verbal, eram comuns no lar

de Teresa. Contudo, há cinco anos a situação tomou outros contornos. O marido desta mulher alegou que estava doente e não podia cumprir com os seus deveres de esposo na cama.

"Durante cinco anos vivi sem que o meu marido me tocasse sequer como mulher. Reclamei e nada. Voltei à casa dos meus pais e ele (marido) foi atrás. Este ano, começou a passar noites fora de casa e quando questionava, violentava-me e dizia que dormia na discoteca. Um dia, ganhei coragem e resolvi segui-lo. Para a minha surpresa, foi dar à casa de uma senhora. É lá onde começou a briga. Estava sozinha e não tinha quem me defendesse", disse.

Teresa pelo menos conseguiu por si ir buscar ajuda. Outras mulheres não têm esta oportunidade. Morrem catanadas pelos esposos

práticas consideradas inadequadas na sociedade.

"Muitos casos de violência acontecem devido a conflitos familiares. Em muitas das situações, a mulher é submissa. Não tem um trabalho remunerado e porque não tem como garantir o auto-sustento acaba-se sujeitando à violência. Sofre em silêncio", lamentou Florência Canhore, chefe de repartição da Mulher e Acção Social nos serviços distritais de Saúde, Mulher e Acção Social na Maxixe.

Para Florência, o maior problema é o pensamento que prevalece, segundo o qual a mulher deve aceitar e se sujeitar a tudo o que o marido faz e quer. Desde cedo, ela aprende que deve obediência ao marido e só este é que tem o poder de decisão. "Quando a mulher tenta contestar ou retirar vista

## Assassinatos bárbaros

HISTÓRIAS de violência doméstica, que terminam em crimes hediondos, estão a tornar-se comuns em alguns distritos da província de Inhambane, onde Maxixe, Homoine, Massinga, Mabote ganham destaque.

As mulheres são as principais vítimas dessas agressões que acontecem no seio familiar. Os métodos utilizados pelos infractores são cada vez mais violentos. Matam, mutilam usando armas brancas, como catana.

Na Massinga, ficámos a saber do caso de uma mulher com pouco mais de 50 anos, assassinada pelo marido com recurso a uma catana. Ela era acusada de feitiçaria e insucesso na vida do esposo.

O caso registou-se há cerca de quatro meses, mas a forma bárbara como esta mulher perdeu a vida permanece na memória de quem a viu antes de dar os últimos suspiros a caminho do hospital.

"O corpo estava todo esquartejado. Foi horrível. As imagens não me saem da cabeça", reagiu a Graça Luísa Arnaldo, chefe do departamento de Atendimento à Família e Menores Vítima de Violência a nível da província de Inhambane.

Em Fevereiro, no distrito de Homoine, um homem matou a irmã da esposa. Ele era mineiro na África do Sul. Quando regressou não encontrou a esposa. Foi à casa dos pais dela para tirar satisfação. Ao chegar lá, foi recebido pela cunhada. Não se sabe ao certo o porquê, pegou na catana, espancou a rapariga que perdeu a vida no local. Depois pôs-se em fuga. Até hoje anda foragido da Polícia.

Em Mabote, há cerca de dois meses, um casal saiu junto para consumir bebidas alcoólicas. Ao regressar à casa, o marido exigiu que a esposa lhe servisse comida. Porque ela não tinha cozi-

nhado, entraram em briga. Ela trazia o bebé de oito meses no colo. Do nada, o marido pegou na catana, desferiu golpes à mulher e à criança. Dividiu o corpo. A cabeça para um lado e outras partes do corpo para outro.

"São crimes passionais hediondos. A nossa comunidade não deveria viver assim. São questões duma moral deteriorada. Nada justifica que um casal que já viveu junto, fez filhos e num abrir e fechar de olhos o homem decide pegar na catana e mata a outra. Onde está o amor", questiona Graça.

Segundo a Polícia, Inhambane está a registar uma subida na denúncia de casos de violência doméstica. As estatísticas apontam para cerca de 1.361 casos nos primeiros nove meses do ano contra 1.200 em igual período do ano passado.

Para as autoridades locais, estes dados representam um mau sinal, a considerar que ainda faltam os meses de Novembro e Dezembro que são considerados os de pico.

Explicam que é neste período do ano que a província ou país no geral recebe moçambicanos trabalhadores na África do Sul (RSA). Muitos já vêm com informação de que as esposas amantizavam na sua ausência. Sem provas, nem diálogo com as companheiras, partem para a violência, criam pânico na sociedade e regressam depois para RSA.

"Este ano estamos a verificar mais crimes violentos, o que nos preocupa bastante. O primeiro distrito é de Inhambane, com 290 casos, seguido da cidade da Maxixe, com 190, Massinga, com 175 e o último, entre os que têm mais casos, é o de Vilanculos, com 159 casos. Nos outros distritos, as estatísticas variam entre 15 e 100 casos", apontou Graça.

## Superstição e preconceito

HÁ várias interpretações dadas ao fenómeno de violência doméstica na província de Inhambane, em particular, e no país, em geral, entre as quais os ciúmes, consumo abusivo de bebidas alcoólicas, acusações de feitiçaria, a pobreza e o machismo.

"Acho que cerca de 80 por cento resultam de questões passionais. Muitos dos indiciados, quando solicitados pela Polícia, dizem que



## Consequências para além das vítimas

MOÇAMBIQUE tem uma legislação favorável ao combate à violência contra mulheres e raparigas. Tem serviços, gabinetes fortes e compromisso político, o que mostra que não tem mais tolerância para esses fenómenos de violência.

Contudo, o desafio ainda é longo. Estudos mostram que uma em cada três mulheres sofre algum tipo de violência, apesar de todas as consequências que daí advêm, entre as quais a mutilação, deses-



# Superstição e preconceito

HÁ várias interpretações dadas ao fenómeno de violência doméstica na província de Inhambane, em particular, e no país, em geral, entre as quais os ciúmes, consumo abusivo de bebidas alcoólicas, acusações de feitiçaria, a pobreza e o machismo.

"Acho que cerca de 80 por cento resultam de questões passionais. Muitos dos indiciados, quando solicitados pela Polícia, dizem que a mulher traiu. Viram fulano com a esposa. Leram uma mensagem amorosa no telefone dela. Desde que ela começou a trabalhar já não presta atenção nele. Está mais para os colegas e amigas. Volta tarde à casa. Já não prepara a comida devidamente ou já não janto à hora habitual. Então isto é motivado por ciúmes doentios", entende Graça.

Outra razão, segundo a fonte, é a busca de ajuda em curandeiros (médicos tradicionais) quando a pessoa, sobretudo o chefe de família, está doente ou entende que não está a ter sucesso na vida. Alguns curandeiros apontam que a doença do marido ou o seu insucesso resultam dos maus espíritos da mulher. Quando este regressa à casa, entra em brigas que, por vezes, terminam em morte.

"A questão da violência é complexa. Infelizmente, temos muitos problemas devido a situações de superstição aqui em Inhambane", lamentou Graça.

## DINHEIRO MOTIVA BRIGAS

Para a ponto focal do Centro de Atendimento Integrado da cidade de Inhambane, Felicidade Niquice, o cerne da violência doméstica é basicamente o dinheiro. "Se for a ver, há mais agressões e violência no fim de mês, quando há salário e no meio do mês, quando já não há salário. Este é o cronograma



Graça Arnaldo indignada com os índices de violência na província

das violências. A maior parte dos casos são de violência física", acrescentou Niquice.

Alberto Cumbe, coordenador de programas da Rede Homens pela Mudança (Hopem) em Inhambane, aponta como causas da violência doméstica os preconceitos de género ligados ao machismo.

"Olha-se a mulher como um ser inferior que deve obediência ao marido. Outros factores como a dependência económica das mulheres, pois, muitas não têm emprego formal, elas dependem financeiramente do marido. A mulher pensa que ela por si não é capaz de viver ou de ser feliz sem o apoio ou companhia do homem", interpretou Cumbe.

Outro factor, segundo a assistente de programas da Rede Hopem, Luísa Winge é a falta de conhecimento dos direitos humanos. Entende que as mulheres não conhecem os seus direitos, o que levá que algumas acabem por olhar para a violência como um acto normal.

"Em algumas comunidades, há práticas nocivas que põem em causa os seus direitos. As mulheres admitem que o homem deve, de vez quando, dar algumas palmadas. Considera esta atitude uma forma de educar a mulher. Se o marido não bate nela, significa que já não tem interesse nenhum. Então, ela não conhece os seus direitos", referiu Luísa.

que o meu marido não tocasse sequer como mulher. Reclamei e nada. Voltei à casa dos meus pais e ele (marido) foi atrás. Este ano, começou a passar noites fora de casa e quando questionava, violentava-me e dizia que dormia na discoteca. Um dia, ganhei coragem e resolvi segui-lo. Para a minha surpresa, foi dar à casa de uma senhora. É lá onde começou a briga. Estava sozinha e não tinha quem me defendesse", disse.

Teresa pelo menos conseguiu por si ir buscar ajuda. Outras mulheres não têm esta oportunidade. Morrem catanadas pelos esposos ou familiares, acusando-as de várias infrações sociais, como a feitiçaria, o adultério, entre outras

porque não tem como garantir o auto-sustento acaba-se sujeitando à violência. Sofre em silêncio", lamentou Florência Canhore, chefe de repartição da Mulher e Acção Social nos serviços distritais de Saúde, Mulher e Acção Social na Maxixe.

Para Florência, o maior problema é o pensamento que prevalece, segundo o qual a mulher deve aceitar e se sujeitar a tudo o que o marido faz e quer. Desde cedo, ela aprende que deve obediência ao marido e só este é que tem o poder de decisão. "Quando a mulher tenta contestar ou retrair vira confusão na família que culmina em violência", observou Florência Canhore.



Teresa Tsambe quebra silêncio e procura ajuda das autoridades

MOÇAMBIQUE tem uma legislação favorável ao combate à violência contra mulheres e raparigas. Tem serviços, gabinetes fortes e compromisso político, o que mostra que não tem mais tolerância para esses fenómenos de violência.

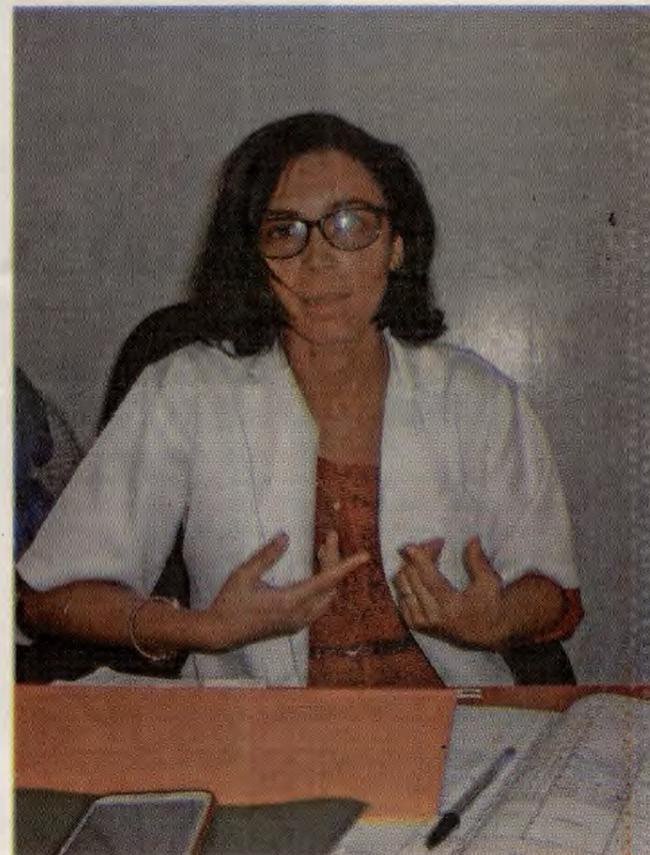
Contudo, o desafio ainda é longo. Estudos mostram que uma em cada três mulheres sofre algum tipo de violência, apesar de todas as consequências que daí advêm, entre as quais a mutilação, desestruturação da família, aponta Cátia Cavalheiro, psicóloga clínica do Centro de Atendimento Integrado da cidade de Inhambane.

A família de Teresa Tsambe é exemplo disso. As suas filhas, por sinal as mais velhas, do "nada" abandonaram a escola. Elas não sabem o porquê da decisão, mas a psicóloga explica as razões.

"Quando a criança presencia actos de violência na família, ela fica perturbada, a nota dela na escola pode reduzir drasticamente. Estas atitudes (violência), directa ou indirectamente, acabam prejudicando a criança. Pode ser motivo para ela abandonar ou até ter medo de ir à escola".

Cátia Cavalheiro indica que se pode identificar as vítimas de violência através do seu comportamento. Algumas ficam acanhadas, deprimidas, ansiosas ou receosas.

"Se num dia de muito calor, a pessoa usa camisola, pode estar a esconder alguma coisa no corpo, como, por exemplo, marcas de agressão. Ela fica receosa e com o medo de sair de casa. As crianças, vítimas de abuso sexual,



A depressão pode indiciar algum tipo de violência - psicóloga Cátia Cavalheiro

podem ter medo de estar perto de homens. São alguns sinais que a família pode conseguir observar. Se a pessoa tem um certo tipo de comportamento e muda, é um sinal de alerta que nos pode direccionar para um certo tipo de violência ou outro tipo de transtorno, porque a violência também leva à depressão", ensina.

A psicóloga explica que numa

situação em que as crianças presenciam actos de violência, elas podem se tornar violentas também. "Quando a criança vê o pai a bater na mãe ou vice-versa, ela acha que também pode bater nele ou nela ou noutras pessoas fora de casa. Os rapazes tendem mais a ser agressivos, enquanto as meninas ficam acanhadas e se isolam", apontou.

# Mecanismos de assistência facilitados

PARA garantir um atendimento adequado às vítimas de violência baseada no género, a província de Inhambane conta com quatro Centros de Atendimento Integrado (CAI). Dez distritos não têm estes meios, contudo usam o sistema de paragens únicas.

"A paragem única é diferente do Centro de Atendimento Integrado, que oferece serviços no mesmo espaço (psicólogo, legista, Polícia, assistente social e assistência jurídica). Na paragem

única, os serviços estão dispersos. O que se recomenda é que o primeiro técnico ou funcionário a entrar em contacto com a vítima deve depois solicitar outros intervenientes para prestar assistência a ela, naquele local. Neste caso, se a vítima der entrada a partir do banco de socorros, então o agente de medicina em serviço deve ligar para o técnico de acção social, o agente da Polícia, para se fazer ao local, de forma que a vítima não saia daquele lugar para não

se perder", explica a directora provincial do Género, Criança e Acção Social, Laura Machava.

A fonte fez saber que a província tem 63 comités comunitários de assistência às vítimas de violência nos distritos que fazem a assistência, divulgam a lei sobre a violência doméstica, fazem a sensibilização, pois, como disse, em algum momento as vítimas sofrem a violência, mas não sabem que é crime.

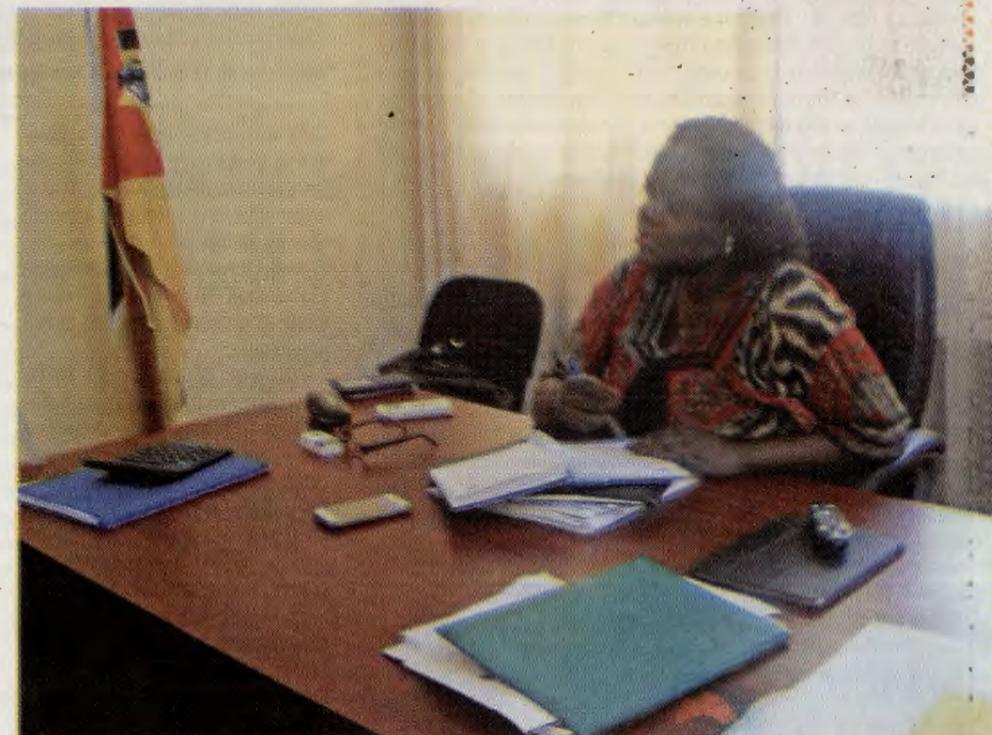
"Temos aquela tradição de que

se o marido não bate é porque não gosta, então deve saber que esta atitude é crime e que também tem serviços, onde se localizam, como contactá-los, etc. Os comités fazem a intervenção, encaminham as vítimas via chamada telefónica", referiu Laura.

Para a directora, as pessoas já estão a ficar sensibilizadas sobre a problemática da violência doméstica, daí o aumento de número de denúncias.

"As pessoas estão a ganhar

consciência de que a violência é crime. Os perpetradores da violência têm algum receio em praticar, porque sabem que depois serão penalizados. As vítimas tem coragem de denunciar, porque sabem que nos CAI terão assistência", comentou a directora, reconhecendo que a violência doméstica continua preocupante na província de Inhambane, pois, como disse, cria sequelas e perturbações nas vítimas, desestabiliza e destrói famílias.



As pessoas estão a ganhar consciência de que a violência doméstica é crime - Laura Machava